

**DESEJAR A DEUS, PECADO OU PARAÍSO?
UM ESTUDO LITERÁRIO SOBRE O CORPO FEMININO EM TERESA D'ÁVILA**

Isabelle Merlini Chiaparin

Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP) – Campinas, São Paulo

isabelle.chiaparin@gmail.com

Resumo

Se o corpo é um dos grandes paradoxos da religiosidade, o corpo feminino é um escândalo. Baseado em princípios medievalistas, o século XVI acolheu diversas restrições acerca da relação entre corpo e Deus, sugerindo a exclusão de todo o prazer corpóreo - provindo do sexo ou não - com a finalidade de alcançar a perfeição. Tal restrição recaiu ainda mais sobre o corpo feminino, condenado tal como fora Eva pela queda de Adão. Assim, o ápice da relação corpórea feminina será a virgindade, como modo de “reter” a pureza. É nesse cenário que Teresa D'Ávila (1515-1582), a primeira mulher considerada Doutora da Igreja pelo catolicismo, desenvolve sua relação interior e exterior com Deus. Que a alma alcança Deus é inegável, porém, teria o corpo essa mesma capacidade? Através da reconfiguração de Deus em sua produção poética e da análise do livro bíblico do *Cântico dos Cânticos*, Teresa desejará a Deus como homem e se entregará a ele como mulher. O *matrimônio espiritual* é a chave de leitura para compreender a entrega do corpo a Deus e, paradoxalmente, a entrega de Deus à alma. Este artigo deseja compreender o desejo por Deus em Teresa, à luz do paradoxo do corpo.

Palavras-chave: Teresa D'Ávila; Literatura de mulher; Mística; Corpo; Análise literária; Século de Ouro.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras


Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil


<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>


Isabelle Merlini Chiaparin

Isabelle Merlini Chiaparin é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP), licenciada em Filosofia e bacharela em Ciências e Humanidades (UFABC). Atuou na área da filosofia política, estudando o conceito de liberdade na obra de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), sendo bolsista de Iniciação Científica (FAPESP). Atualmente, desenvolve pesquisa na área da literatura comparada investigando na obra da monja carmelita Teresa D'Ávila (1515-1582) a poética e a liberdade de escrita através de bolsa por excelência acadêmica (CAPES), além de fazer parte do Grupo de Pesquisa em Literatura, Religião e Teologia (LERTE – PUCSP). Entre literatura e filosofia, o objetivo de sua pesquisa atual é dar voz a filósofas e pensadoras que, excluídas dos debates e das Universidades, não tiveram a oportunidade de serem lidas e conhecidas, prejudicando – e muito – os estudos em humanidades. Possui interesse em estudos que contemplem a poesia como construção do indivíduo, bem como os processos de escrita na literatura feita por mulheres.




<http://lattes.cnpq.br/8421244709600689>


<https://orcid.org/0000-0002-6361-219X>


<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4454272018225767>

Link para Grupo de Pesquisa CNPQ

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

DESEJAR A DEUS, PECADO OU PARAÍSO? UM ESTUDO LITERÁRIO SOBRE O CORPO FEMININO EM TERESA D'ÁVILA

Isabelle Merlini Chiaparin

Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP) – Campinas, São Paulo

isabelle.chiaparin@gmail.com

1 Introdução

“Algumas pessoas tinham tanta certeza de que isso vinha do demônio que queriam me exorcizar (V 29,3¹)”. É desse modo que Teresa D'Ávila (1515-1582), uma monja da Ordem carmelita espanhola, define como suas experiências místicas com Deus foram recebidas na época dos acontecimentos. De fato, o *êxtase*, como ficará conhecido o fenômeno místico cujo qual Teresa experimenta, implicará em perseguições inquisitórias, deslegitimação de seu priorado e calúnias para a monja carmelita – e tudo, unicamente, por dizer respeito ao corpo. Do medievalismo à época de Teresa, a temática do corpo em relação à espiritualidade define-se em um misto de heresia e pecado. Ora, o que poderia a experiência sensível do corpo feminino impactar na tradição cristã?

É diante do paradoxo do sentir e do dever que Teresa estabelece sua relação com o corpo. Dos primeiros confessores aos padres e teólogos que vasculharão seus escritos em busca de referências demoníacas para o processo inquisitório, muitos foram os que negaram à carmelita a experiência corporal com Deus, aconselhando-a à resistência aos tais desejos da carne (V 29, 7). Sem serem vistos como divinos, os êxtases e arrebatamentos dos quais Teresa falava em suas direções espirituais transfiguraram-se como pecado e impureza aos olhos das autoridades da época, que aconselharam Teresa a *resistir*.

¹ O presente artigo servir-se-á da seguinte denominação para referir-se à obra de Teresa D'Ávila:

V – Livro da Vida;

C – Caminho de perfeição;

CAD – Conceitos de amor de Deus;

CO – Constituições;

P – Poesias.

O primeiro número indica o capítulo; o segundo, o parágrafo. Para as Poesias, haverá apenas o número, que indicará o título por meio da organização das Edições Loyola.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Quando me mandaram fazer essas provas e resistir, os favores aumentaram muito; mesmo quando queria me distrair, eu nunca saía da oração. Mesmo dormindo, tinha a impressão de estar nela, porque cresciam o amor e as queixas que eu fazia ao Senhor; eu não podia suportar não pensar nele, nem isso estava ao meu alcance, por maior que fosse o meu desejo e por mais que eu me esforçasse. No entanto, obedecia quando era possível; mas era pouco, ou quase nada, o que eu podia fazer. O Senhor nunca me disse que não obedecesse, mas, ao mesmo tempo que me mandava obedecer, me dava garantias, ensinando-me o que eu haveria de dizer às pessoas, tal como o faz ainda hoje, dando-me razões tão fortes que me deixava plena de confiança. (V 29, 7)

A resistência de seus confessores em aceitar e, até mesmo, reconhecer como divina a experiência corporal que Teresa apresentava diz muito sobre a percepção do corpo na época. De raízes medievalistas, a ideia do corpo como pecaminoso provém da interpretação da cosmogonia cristã, a partir da narrativa do pecado de Adão e Eva, como escrito no livro bíblico do *Gênesis*². Nesta interpretação, o pecado original, que é visto como o início da desgraça humana – e pela qual Cristo terá que sacrificar-se pela salvação de todos –, torna-se um pecado sexual (LE GOFF, 2006, p.11) pelo qual, inclusive, a mulher terá grande parte da culpa.

A interpretação se dá através da vinculação da dimensão corporal aos pecados do orgulho e da vaidade a partir do desafio de desobediência que Adão e Eva lançam contra Deus. Retiradas as “vendas”, isto é, tendo conhecimento sobre o bem e o mal, e reconhecendo-se nus, o primeiro casal perde a inocência e a castidade do próprio corpo, envergonhando-se dele e devendo ocultá-lo com trajes e roupas. Ou seja, ao desafiarem a Deus, Adão e Eva maculam o próprio corpo, corrompendo-o com desejos impuros e desviantes. Voltar-se para Deus, portanto, nessa lógica, exigiria uma decisão pelos valores divinos, relacionados à alma, em detrimento dos valores terrenos, relacionados ao corpo. Assim, converter-se se traduz no abandono da experiência corporal.

2 Os valores medievais na Espanha do século XVI

Arrepios, dores e gemidos. O prazer corpóreo que Teresa narra em *Vida* durante os êxtases é veementemente censurado por suas autoridades, sendo considerado também como um pecado, por gerar um descontrole, desviando a castidade e afastando o indivíduo de Deus. Nesse olhar, se Deus é perfeição, o prazer descontrolado é imperfeição. A interpretação dos confessores é baseada na tradição da Igreja Católica, muito representada à época pelo medievalismo. O retorno aos valores medievalistas durante o século XV e XVI se dá pela

² O terceiro capítulo do livro, intitulado como “A queda do homem” pela tradução da Bíblia de Jerusalém, narra o pecado cometido por Adão e Eva.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

necessidade de uma teologia baseada em valores morais bem consolidados, que justificariam os inqueritos da Inquisição espanhola (1458). De fato, os processos da Inquisição levaram em conta para as definições dos casos de heresia os conteúdos das Escrituras à luz da interpretação de Agostinho de Hipona (354 d.C-430 d.C), um dos grandes representantes da Antiguidade Tardia, e Tomás de Aquino (1225-1274), o *doctor angelicus* da escolástica medieval. A influência se dá de modo mais evidente no “Manual do Inquisidor” (1376), também conhecido como *Directorium Inquisitorum*, escrito pelo inquisidor catalão Nicholas Aymerich (1320-1399)

Os diferentes casos de heresia, em comparação com o conteúdo das Escrituras e com as determinações dos concílios da Igreja em relação à fé e aos possíveis desvios da mesma, é uma argumentação central do Manual. A descrição de diversas heresias no Manual é realizada em caráter enciclopédico, o que é justificado por seu modelo de orientação prático-cotidiana. Por isso, são apresentadas juntamente as fontes jurídicas ou romano-canônicas, fragmentos das Sagradas Escrituras, diferentes disposições papais, doutores da Igreja como Santo Agostinho, Santo Isidoro, São Tomás de Aquino, além de outros inquisidores (GOMES, 2009, p. 42).

A interpretação específica de Agostinho acerca da relação com o corpo – e o que fazer ou não com ele – é essencial para a compreensão do limite entre o aceitável e o deplorável no que diz respeito às sensações corpóreas. Uma chave de leitura importante para tanto é o fato da recomendação segura da virgindade como um meio para atingir a “pureza” da alma para todos. Com a virgindade, também estavam repudiados os prazeres corporais que independiam da relação sexual, como abraços e beijos demorados, exageros na alimentação etc. Em sua obra *Confissões* (397 d.C.), o bispo de Hipona narra uma luta entre a vontade por Deus, expressa pela continência sexual, e a vontade do corpo, descrita como concupiscência, ou ainda, a luxúria da carne. Tal conceitualização é importantíssima para revelar os motivos pelos quais a experiência corpórea de Teresa será tão criticada, ou ainda, demonizada.

Mas eu, adolescente muito miserável, e ainda miserável na saída da adolescência, te pedia a castidade, dizendo: “Concede-me castidade e continência, mas não agora”. Com efeito, receava que tu me atendesses logo, e logo me curasse da peste da concupiscência, que queria antes satisfeita que extinta. [...] Assim eu me roía por dentro, e era violentamente perturbado por uma terrível vergonha, enquanto Ponticiano falava. Mas, terminada a conversa e resolvida a questão pela qual vinha, ele se foi, e eu fiquei comigo mesmo. O que não disse contra mim? Com que chicotes de palavras não flagelei minha alma, para que me seguisse na tentativa de ir atrás de ti? Mas ela resistia, recalcitrava sem se justificar. Todos os argumentos estavam esgotados e

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

vencidos: só lhe restava uma trepidação muda, mas ela temia como a morte se esquivar da correnteza do hábito que a levava à morte. (Livro VIII, VII, 17-18³)

Interessante notar como corpo e alma, na literatura agostiniana da Antiguidade Tardia, aparecem em *Confissões* como que em batalha. A escolha dos termos para referir-se ao corpo também é notável: peste, perturbação, resistência, vergonha, morte. A confessionalidade da obra de Agostinho leva-o a admitir, quase como em súplica, os desvios dos valores cristãos pela fraqueza do corpo, que é caracterizado como carne fraca, doença, impedimento para o encontro com Deus. Assim, um dos maiores teólogos do catolicismo trilha o caminho da rejeição do corpo, preferindo à *interioridade da alma* como modo de encontro com Deus, conceito tão bem explorado no Livro I. Não é coincidência que Agostinho tenha recebido o título de Doutor da Igreja em 1292, já em pleno medievalismo, pelas mãos do papa Bonifácio VIII – a Idade Média se inspirará, e muito, na dicotomia entre pecado e salvação, corpo e alma, para basear a teologia da época.

Teresa, assumidamente leitora de Agostinho (V 9, 7), partilha da *interioridade* como concepção comum com o bispo de Hipona: Deus não está fora, na natureza, nos outros, nos fatos e acontecimentos, mas dentro da alma. A metáfora teresiana do *castelo interior* aparecerá como expressão da organização interna do indivíduo, cujo centro é Deus. Para encontrar o divino, que habita no centro do *castelo*, é necessário buscar pela chave da oração. O caminho oracional necessita, portanto, ser um caminho de decidida escuta interior “(...) mesmo que não se tenham forças para prosseguir, mesmo que se morra no caminho ou não se suportem os padecimentos que nele há, ainda que o mundo venha abaixo.” (C 21, 2). O paradoxo teresiano está, justamente, na busca por Deus na *interioridade* que se expressa na exterioridade do corpo.

Além do medievalismo, a reforma monástica do século XI também influenciará muito a interpretação do corpo. A Europa acolherá, especialmente pela ordem dos beneditinos, uma teologia baseada na repressão do prazer corpóreo. O desprezo pelo mundo, segundo Le Goff (2006), se traduzirá no desprezo pelo corpo. Como virgem consagrada, influenciada pelas concepções medievalistas e também pela reforma beneditina, Teresa será convidada a não só abster-se do ato sexual, “preservando” sua inocência, mas a repudiar toda relação corpórea, o que incluiria os beijos, por exemplo, e as refeições abundantes. O corpo torna-se uma questão problemática dentro desse sistema de pensamento até mesmo para os chamados à vocação matrimonial.

Assim, é possível afirmar que o corpo sexuado da Idade Média é majoritariamente desvalorizado, as pulsões e o desejo carnal, amplamente reprimidos. O próprio casamento cristão, que aparece, não sem dificuldade, no século XIII, será uma tentativa de remediar a concupiscência. A cópula só é

³ A obra citada em questão é “Confissões”, estando referenciados, respectivamente, livro, capítulo e parágrafo.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

compreendida e tolerada com a única finalidade de procriar. "O adúltero é também aquele apaixonado de modo demasiadamente ardente por sua mulher", repetirão os clérigos da Igreja. Prescreve-se, desse modo, o domínio do corpo; as práticas "desviantes" são proibidas (LE GOFF, 2006, p. 41).

A reforma beneditina acentuará, com isso, não apenas o conceito da virgindade como suprema forma sexual lícita, mas a privação de qualquer prazer corpóreo, tal como o domínio alimentar, como forma de atingir a perfeição. O jejum, a flagelação e a vigília constituíram-se então, para Teresa, modos seguros de demonstrar amor ao Sagrado. Tais práticas podem ser observadas em *Constituições*, obra na qual Teresa redige as normas de vida para as monjas. Entre a prática do jejum por oito meses e a proibição de retirar-se o véu do cabelo, a instrução detalhada acerca da cama, lugar do repouso do corpo, merece especial atenção: a cama deverá ter um cobertor simples, sem tapetes no chão ou nada suspenso a volta, como adornos nas paredes ou cortinas nas janelas. Teresa é certa na instrução: "As camas não tenham colchão, mas um enxergão de palha; provado está que é suficiente para pessoas fracas e com pouca saúde." (CO 13). O suficiente para manter-se vivo: é isto que o corpo merece e receberá na ordem carmelita.

Da Antiguidade Tardia à Idade Média, a teologia que reflete sobre o corpo influenciará e muito o século XVI. Diante desse contexto, o espanto com o êxtase escandaliza não somente os confessores, mas a própria Teresa, que herda uma relação deteriorada com a corporeidade e com o erótico. De fato, o êxtase possui relações intrínsecas com o amor *eros*, aquele que pode ser traduzido como *atração*, por conter em si o desejo profundo por Deus. Desejar a Deus, entretanto, causará grandes dificuldades de compreensão tanto para a carmelita quanto para os inquisidores. Através do *Cântico dos Cânticos*, Teresa justificará seu desejo. Nas *Poesias*, o expressará livremente.

3 Poéticas do desejo: a expressão corpórea na relação com o divino

A partir do primeiro versículo do livro bíblico dos *Cânticos*, "Que me beije com beijos de sua boca! Teus amores são melhores do que o vinho" (Cânt. 1, 1)⁴, Teresa justifica seu tratamento para com Deus. Se um livro sagrado apresenta tamanha intimidade e continua sendo considerado isento de erro, é possível se relacionar com Deus da mesma forma e, assim, alcançar a santidade. A contradição é inegável: como é deplorável, para uma monja, beijar um indivíduo e aceitável beijar o divino? Teresa não se isentará das privações e proibições

⁴ A tradução bíblica utilizada nesse artigo corresponde à edição de Jerusalém da editora Paulus, conforme indicado na bibliografia.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em língua espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

corpóreas, mas encontrará no relacionamento com Deus uma maneira de expressar-se corporalmente.

É evidente que, baseado na compreensão de corpo de até então, Teresa não foi bem recebida. Porém, o argumento teresiano acerca da possibilidade da relação com o corpo ser um caminho de encontro com Deus, através das Escrituras, é astuto. Teresa utiliza-se dos *Cânticos* para justificar-se teologicamente, tornando o livro sagrado a base de sua argumentação. Contrariar o modo de relacionar-se com o divino seria, por consequência, ir contra o próprio livro sagrado, a Bíblia, algo que a Inquisição não poderia tolerar. É desse modo que a relação corpórea definida por Teresa encontra dificuldades em ser considerada herética pelos inquisidores: há um livro sagrado como referência. Em um trecho da obra *Conceitos de amor de Deus* (1577), obra teresiana que comenta a poética dos *Cânticos*, a perspicácia de Teresa ainda questiona retoricamente o uso de termos polêmicos presentes nos versos bíblicos, como “beijo” e “amado”.

Parece-me, nisso que falei no princípio, que fala uma terceira pessoa, mas que é a mesma: que dá a entender que há em Cristo duas naturezas, uma divina e outra humana (...) *Beije-me com o beijo de sua boca*. Ó Senhor meu e Deus meu, que palavras são estas para que as diga um verme ao seu Criador! Bendito sejas Vós, Senhor, que de tantas maneiras nos tende ensinado! Mas quem ousaria, Rei meu, dizer essas palavras se não fosse por Vossa permissão? É coisa que me espanta e assim espantará dizer eu que a diga alguém. Dirão que sou uma néscia, que não quer dizer isto, que tem muitos significados, que está claro que não haveríamos de dizer essas palavras a Deus, que por isso é com que as pessoas simples não leiam essas coisas. Reconheço que elas têm muitos sentidos; mas a alma que está abrasada de um amor que a desatina não quer saber de nenhum deles, mas apenas de dizer essas palavras. Sim, porque o Senhor não o impede. (CAD 1, 9-10)

Justificada pela Bíblia, Teresa cria seu próprio modo de intimidade com Deus através do erotismo que deseja a Deus com o corpo e através dele. O êxtase, como expressão máxima de tal encontro, reflete a profundidade oracional da alma, enamorada por Deus, que transborda por meio do corpo. Assim, Teresa reconfigura a imagem do corpo - que antes era relacionado à queda por Adão e Eva e à doença por Agostinho - à luz da dignidade do *amor sponsal*. A *esponsalidade* surge como dom, relação e amizade com Deus, que tudo provê para sua esposa, a alma humana. Quanto mais íntima a relação com Deus, mais graças a esposa ganha, não por seus méritos, mas pela graça do Esposo divino que, apaixonado, tudo dá à sua amada. A própria Teresa afirma que “(...) nunca, filhas, vosso esposo tira os olhos de vós.” (C 26, 3). É a partir do olhar divino, portanto, que Teresa enxergará o prazer do corpo.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

A dor era tão grande que eu soltava gemidos, e era tão excessiva a suavidade produzida por essa dor imensa que a alma não desejava que tivesse fim nem se contentava se não com a presença de Deus. Não se trata de dor corporal; é espiritual, se bem que o corpo também participe, às vezes muito. [...] Quando começa esta dor de que falo agora, parece que o Senhor arrebatava a alma e a leve ao êxtase, não havendo como ter mágoa ou padecer, porque o deleite logo vem. (V 29, 14)

Teresa destaca, ao definir o que sentiu durante o êxtase, que a dor suave e excessiva que experienciava não era corporal, embora o corpo participe, e muito, do fenômeno. Ora, o que poderia significar essa afirmação? Em primeiro lugar, que o êxtase é um fenômeno corporal. Em segundo lugar, que o corpo não é a primazia do êxtase. Teresa tem consciência da participação efetiva do corpo no fenômeno porque gasta tempo descrevendo, ainda que sem muitos detalhes, as reações corporais que sentia durante o êxtase. A questão que a interpela após o fenômeno é o que isso significaria para uma mulher do século XVI, vivendo em meio à Inquisição espanhola. Como forma de justificar-se perante os tribunais inquisitórios, Teresa reordena o corpo como submisso à alma, de modo que, se houve gemido e prazer, é porque primeiro houve um gozo divino na alma. O prazer e a dor que percorrem o corpo de Teresa são secundários em relação ao espiritual: é a alma que é arrebatada e não o corpo, é o espiritual que domina o corporal

Ainda assim, o corpo existe, sente, geme e chora. Ele é expressão de um desejo pelo Outro divino. Não há como o desconsiderar em sua escrita, já que a maior parte das obras teresianas ou são dedicadas a esse Outro absoluto, Deus, ou sobre ele falam. O desejo de Teresa é Deus, ao mesmo tempo em que Deus é o causador de tal desejo em Teresa, isto é, ao mesmo tempo em que Deus é a causa do desejo, também o causa. Assim, Deus se torna o objeto do desejo e o caminho para alcançá-lo, ele tanto é o fim como o meio para tanto. A afirmação é paradoxal, como o é o próprio Outro de Teresa: repleto de supostas contradições que em si se tornam harmônicas por se tratar, justamente, do Absoluto. Nele, para Teresa, tudo está contido ao mesmo tempo em que em tudo ele está.

O percurso no qual se constitui a espiritualidade de Santa Teresa é o percurso do desejo. Percurso que vai de seu aparecimento, a constituição do desejo dirigido a Deus, ao gozo de Deus, até sua assunção definitiva e peremptória. Esse desejo que irrompe no corpo, que o percorre e mortifica, articula-se a um campo pulsional que, ao escapar a qualquer “normalidade”, produz uma vida excepcional que conduz à santidade. É esse movimento, esse lançar-se à santidade, que chamamos de espiritualidade. E, no caso de Teresa, esse impulso à santidade é uma história de amor (GOÉS, 2002, p. 136).

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

O desejo por Deus, que tem origem na alma, transborda na corporeidade, tornando a experiência mística palpável e concreta. A reconfiguração de Deus através da *esponsalidade* demonstra a concretude de tal relação: não há matrimônio que não reflita no corpo e não há corpo que não deseje o Outro com quem se faz aliança. Ao tornar-se o Esposo da alma, Deus assume a finalidade da vida de Teresa, incluindo a como sua ainda que esta seja pecadora, mas, para além disso, Deus também se doa a Teresa em retribuição ao seu amor. Mesmo na desigualdade de potência entre Deus e a alma, onde um é tudo e o outro nada, o amor esponsal dispõe ambos um ao outro como, de fato, dois apaixonados. Não há obrigação em amar, há disposição para amar – e isso provém de ambas as partes.

Só no matrimônio, que é aliança, amizade e entrega, Deus também pode dar tudo de si. Trata-se de um dom mútuo, mas Deus se faz, de certa forma, ‘dependente’, porque precisa da pessoa, de Teresa, para que ela cuide de ‘usas coisas’. Este dom de Deus só é possível porque Teresa se entrega, abre-se a ele livre e amorosamente. Dessa forma podemos afirmar que Teresa *aceita* o dom do matrimônio ao aprofundar-se no mistério da união entre pai e Filho, redescobrando Deus (PEDROSA-PÁDUA, 2015, p. 300).

O matrimônio espiritual é temática de Teresa, sendo especialmente investigado e debatido nas *Poesias*, lugar de escrita em que Teresa tem mais liberdade de expressão - e isso porque os escritos em prosa eram encomendados pelos tribunais, o que os fazem relatos de obrigação, enquanto as poesias são dedicação livre de Teresa, sem avaliações ou censuras. A consideração da dimensão corpórea do desejo pode ser feita ao considerar o poema “Nas Mãos de Deus”, escrito por Teresa. Nele, causa e finalidade se mesclam para expressar a relação entre o divino e o humano, experienciado por Teresa. O poema é composto por quatorze estrofes, sendo todas heptetos, com exceção da primeira e da última, que contém apenas dois versos. As parselhas terão conteúdo quase idêntico, diferenciando-se apenas porque Teresa inicia a última com “pois”. Estes dois versos, que tem como mensagem comum “Sou vossa, sois o meu Fim: / Que mandais fazer de mim?”, também aparecem ao longo do texto como refrão. Ao final de cada estrofe, Teresa perguntará: “Que mandais fazer de mim?”.

A interpretação a partir da estrutura do poema é interessante por alguns motivos. O primeiro deles e o mais essencial é, com certeza, a intenção por trás da repetição do verso “Que mandais fazer de mim?” nas parselhas e também nos heptetos. A repetição é própria da oração dentro do rito católico: como monja, Teresa dedicava-se horas na recitação do rosário (V 1, 6), por exemplo, que nada mais é do que a repetição da oração da “Ave-Maria” duzentas e cinquenta vezes, intercaladas por outras orações - como o “Pai-Nosso” e a oração do “Glória”. Além do rosário, também faz parte da vida oracional de Teresa a liturgia das horas (C 22, 3), que consiste na meditação de salmos e orações pré-determinadas em momentos selecionados do dia, desde o amanhecer - na qual se rezam as *Laudes* -, passando pelo meio dia e pela tarde - nas *Vésperas*

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

- até chegar ao recolhimento da noite – em que se rezam as *Completas*. É possível compreender, portanto, que a estrutura poética indica em si que Teresa está em um processo de oração. Porém, a repetição não será o único elemento do poema – e nem da vida oracional de Teresa.

Quem poderá afirmar que é ruim, se começarmos a rezar as Horas ou o rosário, que iniciemos pensando Naquele com quem vamos falar e em quem é que fala para saber de que modo O haveremos de tratar? Pois eu vos digo, irmãs, se o muito que é preciso fazer para compreender essas duas coisas fosse bem-feito, antes de começardes a oração vocal que ides fazer, teríeis dedicado bastante tempo à oração mental. (C 22, 3)

Mescla-se à repetição o elemento criativo que Teresa chama, no lugar da oração, de oração mental. A ideia é que a repetição não seja alienante, mas sim acompanhada de uma reflexão interior sobre aquilo que é dito, ou seja, ainda que haja algo para ser repetido, é papel do religioso meditar sobre o que se está sendo dito, como modo de encontro com Deus. A estrutura poética, então, pode ser interpretada à luz dos modos de oração descritos por Teresa: a santa medita sobre a finalidade de sua vida ao longo das quatorze estrofes, aprofundando e descobrindo diretamente de Deus as respostas para a pergunta feita. Para a análise desse artigo, são relevantes os cinco primeiros heptetos.

O caminho oracional é um caminho de descoberta de si. Por isso, Teresa tanto se lamentará da própria vida quanto a entregará a Deus ao longo do poema; reconhecerá em si o pecado e, ao mesmo tempo, a misericórdia e a salvação divina. A primeira e a segunda estrofe revelam tal dualidade entre Deus e a alma: a primeira define Deus, a segunda, o próprio eu-lírico.

Soberana Majestade
E Sabedoria Eterna,
Caridade a mim tão terna,
Deus uno, suma Bondade,
Olhai que a minha ruindade,
Toda amor, vos canta assim:
Que mandais fazer de mim?
Vossa sou, pois me criastes,
Vossa, porque me remistes,
Vossa, porque me atraístes
E porque me suportastes;
Vossa, porque me esperastes
E me salvastes, por fim:
Que mandais fazer de mim?
(P II)

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Enquanto para definir Deus são utilizados termos como “soberano” (v.1) e “eterno” (v.2), dimensionando, como dito, a potência divina, a característica do eu-lírico é a “ruindade” (v.5). O contraste entre a baixeza humana e a grandeza divina, entretanto, não é impeditivo para que Teresa se relacione com Deus. A segunda estrofe, repleta de pronomes possessivos, indicam a pertença de Teresa a esse Outro divino. E é justamente por essa pertença que Teresa retoma sua dignidade. Assim, é Deus que, amando Teresa, a torna amável e, como é ele o autor de todas as ações que a tornam alguém – criar (v. 8), redimir (v. 9), atrair (v.10), suportar (v.11), esperar (v.12) e salvar (v.13) –, ela se dá a ele em um matrimônio espiritual.

A relação *esponsal* da alma com Deus continua visível poeticamente nos próximos três heptetos. Neles, três fatores contribuem para a interpretação do desejo corpóreo: fazer; ofertar e aceitar. Analisando o primeiro dentre os fatores citados – fazer –, é possível observar como, no terceiro hepteto, Teresa reflete acerca de sua utilidade para Deus. A utilidade aqui é vista como finalidade de vida e também como cumprimento dos desígnios divinos. Por trás da finalidade, esconde-se uma questão primordial: Deus *quer* algo para a alma, Deus *deseja* algo. Deus, portanto, não habita o inefável ou o inalcançável, sendo distante e frio. Pelo contrário, Deus é *persona*, ou seja, personifica-se através da humanidade e por isso deseja, sente, goza. Os atributos humanos mesclam-se com a perfeição divina, tornando Deus o máximo desejante da alma.

Que mandais, pois, bom Senhor,
Que faça tão vil criado?
Qual o ofício que haveis dado
A este escravo pecador?
Amor doce, doce Amor,
Vede-me aqui, fraca e ruim:
Que mandais fazer de mim?
(P II)

A procura por Deus e seu desejo, ou ainda, a busca pela vontade de Deus, revela-se também através da oferta de vida, possível de ser enxergada no quarto hepteto. Nele, Teresa livremente doa-se a Deus, no anseio de satisfazer a finalidade de sua vida ao satisfazer-se no próprio Deus. À dimensão do fazer e do ofertar une-se a aceitação, revelada no quinto hepteto. Se Deus *quer* algo para a alma e essa deseja descobrir o que seria, entregando-se totalmente ao Esposo, então, ao encontrar o sentido da vida através da resposta divina, a alma precisa *aceitar* a vontade de Deus.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Eis aqui meu coração:
 Disponho-o na vossa palma;
 Minhas entranhas, minha alma,
 Meu corpo, vida e afeição.
 Doce Esposo e Redenção,
 A vós entregar-me vim:
Que mandais fazer de mim?
 Morte dai-me, dai-me vida;
 Saúde ou moléstia dai-me;
 Honra ou desonra mandai-me;
 Dai-me paz ou guerra e lida.
 Seja eu fraca ou destemida,
 A tudo direi que sim:
Que mandais fazer de mim?
 (P II)

Chama atenção a dimensão corporal do quarto hepteto: Teresa não entrega apenas o coração, como metáfora para a entrega de si, mas as próprias entranhas (v.24) e tudo que há em seu corpo. A escolha dos termos é intencional, uma vez que a própria relação oracional com Deus perpassa o corpo, portanto, não poderia o corpo estar isento da escrita poética. Deus, por sua vez, recebe Teresa inteira, corpo e alma, na palma de sua mão (v.23). Há novamente, neste verso, a personificação de Deus: o Absoluto tem mãos, como os seres humanos. Ele também é doce (v. 25), o que significa, metaforicamente, que é amável e tranquilo. Ora, de fato, Deus se torna Outro indivíduo, ou ainda, Outro homem na poesia de Teresa. Tal referência também aparece, de modo ainda mais explícito, no poema “Para a Natividade”, em que Teresa exclama: “Seu Único Filho / O Pai nos envia: / Nasce hoje na lapa, / Da Virgem Maria. / **O homem - que alegria / É Deus:** assim pois, / *Não há que temer, / Morramos os dois.*” (P XIII, grifos nossos).

Para Pedrosa-Pádua (2015), a relação que Teresa cria, configurando Deus como homem, é uma relação pessoal com Deus Filho, o Cristo. À medida que Teresa descobre a vida humana de Deus, redescobre o sentido da própria existência. Portanto, a relação com Cristo ultrapassa uma dimensão teológica, tornando-se “(...) um processo de amor, identificação e seguimento de Cristo que se radicaliza.” (PEDROSA-PÁDUA, 2015, p.251). O Esposo, assim, não é um Outro abstrato ou distante, mas próximo, presente, homem. O matrimônio se dá em vias espirituais, mas, ainda assim há identificação corporal tanto em Deus quanto em Teresa.

“A tudo direi que sim” (v.33) é a resposta que Teresa formula, por fim, à própria pergunta que outrora era endereçada a Deus. A utilidade de sua vida, portanto, pode se traduzir em qualquer condição: da saúde à doença (v.29), da paz à guerra (v.31). O uso das antíteses lembra muito a fórmula conjugal, em que a promessa feita é a da fidelidade, independentemente das situações do tempo. Saúde, doença, riqueza ou pobreza. Para Teresa, a fórmula se repete, mas, agora, numa jura de fidelidade àquilo que Deus deseja fazer de sua vida. E é por dar-se a

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Deus que Teresa aceita toda e qualquer condição: a confiança que provém da fidelidade de Deus sustenta a entrega religiosa de Teresa que, como visto, ultrapassa uma mera formalidade e atinge níveis existenciais.

A utilidade da vida de Teresa é, então, primordialmente viver para Deus. O que o divino fará de sua vida, ainda que seja uma curiosidade, não influenciará a decisão de Teresa. De fato, é a confiança e o apaixonamento por Deus que respalda tal decisão, tornando Teresa cativa da vontade divina ainda que livre para escolher vivê-la. A relação com o corpo segue a mesma antítese, tão própria do barroco espanhol do Século de Ouro – período literário de Teresa –, em que o corpo é submisso à alma ainda que possa nela libertar-se e sentir o próprio Deus.

O fato de Teresa estar “nas mãos de Deus”, como indica o próprio nome da poesia analisada, é reflexo dessa entrega integral, que contém em si tanto a dimensão corpórea quando a espiritual. O desejo de Teresa é, em última análise, abandonar-se em Deus, depender inteiramente do Esposo em seu sentido de vida. De fato, como indica Spitzer (2003), “(...) alma que se decidiu encontrar com o divino empenhou-se numa aventura existencial (...)” (SPITZER, 2003, p.63). A aventura de Teresa atravessa seu corpo e toca sua alma – como o é representado a própria experiência do êxtase. Poeticamente, ainda, o êxtase é representado na poesia “Sobre Aquelas Palavras: *Dilectus meus mihi*” (P III), em que Teresa metaforicamente apresenta Deus como um caçador que a captura com uma flecha envenenada de amores. De fato, a repetição “Meu Amado é para mim, / E eu sou para meu Amado”, na meditação do terceiro verso do sétimo poema dos *Cânticos*, revela integralmente o desejo de Teresa: pertencer a Deus e possuir a Deus.

*Entreguei-me toda, e assim
Os corações se hão trocado:
Meu Amado é para mim,
E eu sou para meu Amado.
Quando o doce Caçador
Me atingiu com sua seta,
Nos meigos braços do Amor
Minh'alma aninhou-se, quieta,
E a vida em outra, seleta,
Totalmente se há trocado:
Meu Amado é para mim,
E eu sou para meu Amado.
Era aquela seta eleita
Ervada em sucos de amor,
E minha alma ficou feita
Uma só com o seu Criador.*

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Já não quero eu outro amor,
Que a Deus me tenho entregado:
*Meu Amado é para mim,
E eu sou para meu Amado.*
(P III)

4 Considerações Finais

O afeto está relacionado ao projeto de vida. Teresa viveu intensa e apaixonadamente sua aventura espiritual. Trabalhou com todo o coração. Assumiu as dificuldades com realismo e foi fiel às suas opções. Amou o serviço de Deus como algo próprio, mesclado ao seu próprio sangue. “Já era tempo de tomar como próprios os interesses divinos” (7 Moradas 2, 1), havia uma vez escutado dentro de si mesma. Palavras que selaram uma relação inseparável entre ela e Cristo, que ela chama de *matrimônio espiritual*. Viveu o amor de Deus no trabalho e no serviço, nas grandes realizações e no pequeno cotidiano (PEDROSA-PÁDUA, 2011, p. 195).

Corpo, desejo, censura. Esses termos são vinculados a partir do momento em que se estuda a temática do corpo em obras de autoria feminina, especialmente no recorte religioso provocado pelos movimentos inquisitórios entre os séculos XI e XVII. Na obra de Teresa D’Ávila, o desejo por Deus se expressa interiormente ao mesmo tempo que atinge o exterior corpóreo - o que causa, por consequência, a censura de diversos trechos de suas obras e, inclusive, de um livro inteiro, no caso, *Vida*. O modo com que a monja resolve o conflito entre corpo e alma é, no mínimo, paradoxal: Teresa não vê o corpo como melhor que a alma, mas, ao mesmo tempo, não o descarta na relação com Deus. Seja através das orações mentais ou da própria produção poética, o corpo está envolvido a todo tempo com Deus.

O próprio conceito do matrimônio espiritual é, sem dúvidas, uma das maiores expressões do papel do corpo na religiosidade de Teresa. E isso porque o matrimônio não se dá apenas em um âmbito espiritual, mas transborda em Teresa, que é uma mulher de corpo e alma, através do *êxtase*. A alma *esposa* é aquela que ouve o chamamento de Deus e questiona-se acerca da finalidade de sua existência. Porém, ao mesmo tempo em que há questionamento, a resposta da alma é sempre certa e já sabida: sim. Para tudo que Deus propõe, a alma responderá sempre positiva, e isso porque a alma humana depende e confia em Deus. Aqui é importante destacar a reconfiguração de Deus na obra de Teresa. O divino não é um ausente, nem um juiz, tampouco um enganador: é um homem divino, perfeito, amável e desejante da alma humana. Deus, assim, corresponde ao amor da alma, não o é indiferente. É por conta dessa visão de Deus, como o amado da alma, que Teresa pode jurar fidelidade, entregar seu corpo e viver seu caminho de oração, ainda que perseguida pela inquisição.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Teresa não mais conseguia encontrar um Deus que era visto como responsável pela ordem do mundo, como viam alguns medievais, mas, em um mundo já confuso e confusamente percebido, buscou Deus em seu interior, como aquele que tudo ordena para um sentido de vida apaixonadamente vivido. Nessa percepção, Teresa já sentia antecipadamente os dramas da vida moderna, que ali no século XVI estavam mais que semeados, e já se podia sentir a grande dificuldade de as instituições acompanharem a conquista da autonomia e da fragilidade do indivíduo moderno (VILLAS BOAS, 2011, p. 163-134).

O paradoxo do corpo, vivenciado na pele por Teresa, torna-se, portanto, nova interpretação da dicotomia corpo e alma no encontro com Deus. É possível afirmar que, diante dos escritos acerca do êxtase, Teresa D'Ávila funda uma nova tradição no relacionamento com Deus ao permitir que o exterior participe das graças interiores que Deus provê ao indivíduo. O fato de Teresa ser uma mulher influencia – e muito – na recepção do fenômeno pelos confessores da época, o que revela uma concepção do corpo feminino como lugar propício ao pecado, tal como na interpretação medievalista de Adão e Eva. Sem negar o prazer, Teresa reordena-o ao âmbito divino, elevando o corpo como lugar que recebe as graças de Deus. Em uma contradição proposital, o corpo é humilhado e enaltecido, esquecido e experienciado, diante da vivência mística da alma com Deus. A corporeidade é, assim, propícia ao desejo por Deus e Deus, por sua vez, é propício ao desejo pela humanidade.

Referências

- AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- ÁVILA, Teresa de. **Escritos de Teresa de Ávila – Obras completas**. São Paulo: Loyola, 2001.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2015.
- GOÉS, Clara. **Aspectos da espiritualidade feminina em Teresa D'Ávila**. IN: COSTA, Sandro da; SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da e SILVA, Leila Rodrigues da (Org.) Atas do Ciclo “A Tradição Monástica e o Franciscanismo”. Realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ de 7 a 11 de outubro de 2002. 262 p. – Rio de Janeiro, fevereiro de 2003.
- GOMES, Daiany Souza Macelai de Oliveira. **O Tribunal do Santo Ofício espanhol: Continuidades e inovações nas práticas processuais (Sécs. XIV-XVI)**. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Tradução: Marcos Flamínio Pires. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. **Santa Teresa de Jesus: mística e humanização**. São Paulo: Paulinas, 2015.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Relações e afetos nas cartas de Santa Teresa. IN.: PEDROSA-PÁDUA, Lúcia (org.) **Santa Teresa: mística para o nosso tempo**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; Editora Reflexão, 2011.

SPITZER, Leo. **Três poemas sobre o êxtase**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

VILLAS BOAS, Alex. A mística poética como reinvenção da própria vida ou a poesia de si em Santa Teresa De Ávila. IN.: PEDROSA-PÁDUA, Lúcia (org.) **Santa Teresa: mística para o nosso tempo**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; Editora Reflexão, 2011. P. 161-187.

Recebido em: 10/05/2021

Aceito em: 12/08/2021

Publicado em: 21/12/2021

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em língua espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

**TO DESIRE GOD, SIN OR HEAVEN?
A LITERARY STUDY ABOUT THE FEMALE BODY IN TERESA D'ÁVILA**

Isabelle Merlini Chiaparin

Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP) – Campinas, São Paulo

isabelle.chiaparin@gmail.com

Abstract

If the body is one of the biggest paradoxes of religiosity, the female body is a scandal. Based on medievalist principles, the 16th century embraced several restrictions regarding the relationship between body and God, suggesting the exclusion of all bodily pleasure - coming from sex or not - in order to achieve perfection. This restriction was harder on the female body, condemned as Eve had been by the fall of Adam. Thus, the climax of the female bodily relationship will be virginity, as a way of “retaining” purity. It is in this scenario that Teresa D’Ávila (1515-1582), the first woman considered as a Doctor of the Church by Catholicism, develops her inner and outer relationship with God. That the soul reaches God is undeniable, however, would the body have the same capacity? Through the reconfiguration of God in her poetic production and the analysis of the biblical book of the Song of Solomon, Teresa will desire God as a man and surrender herself to him as a woman. Spiritual marriage is the key to understand the surrender of the body to God and, paradoxically, the surrender of God to the soul. This article aims to understand the desire for God in Teresa through the paradox of the body.

Keywords: Teresa D’Ávila; Women’s literature; Mystic; Body; Literary analysis; Golden Century.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

**¿DESEAR A DIOS, PECADO O PARAÍSO?
UN ESTUDIO LITERARIO SOBRE EL CUERPO FEMENINO EN TERESA D'ÁVILA**

Isabelle Merlini Chiaparin

Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP) – Campinas, São Paulo

isabelle.chiaparin@gmail.com

Resumen

Si el cuerpo es una de las grandes paradojas de la religiosidad, el cuerpo femenino es un escándalo. Basado en principios medievalistas, el siglo XVI adoptó diversas restricciones sobre la relación entre el cuerpo y Dios, sugiriendo la exclusión de todo placer corporal, siendo placer sexual o no, para lograr la perfección. Esta restricción recayó aún más sobre el cuerpo femenino, condenado como lo había sido Eva por la caída de Adán. Así, el clímax de la relación corporal femenina será la virginidad, como forma de “retener” la pureza. Es en este escenario que Teresa D’Ávila (1515-1582), la primera mujer considerada Doctora de la Iglesia por el catolicismo, desarrolla su relación interior y exterior con Dios. Que el alma llega a Dios es innegable, sin embargo, ¿tendría el cuerpo la misma capacidad? Mediante la reconfiguración de Dios en su producción poética y el análisis del libro bíblico del Cantar de los Cantares, Teresa deseará a Dios como hombre y se entregará a él como mujer. El matrimonio espiritual es la clave para comprender la entrega del cuerpo a Dios y, paradójicamente, la entrega de Dios al alma. Este artículo tiene como objetivo comprender el deseo de Dios en Teresa, a la luz de la paradoja del cuerpo.

Palabras-clave: Teresa D’Ávila; Literatura de mujeres; Místico; Cuerpo; Análisis literaria; Siglo de Oro.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021003	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>